

DILEMAS DO COTIDIANO: TRADUÇÃO COMENTADA DE UM CONTO DA OBRA *MARIDOS*, DE ÁNGELES MASTRETTA*Altamir Botoso*¹

RESUMO: Apresentamos aqui uma tradução comentada do conto sem título que a abre a coletânea *Maridos*, da escritora mexicana Ángeles Mastretta, enfocando alguns questionamentos sobre as escolhas realizadas durante o processo tradutório e também apontamos alguns elementos que caracterizam os textos de Mastretta como é o caso do protagonismo e a ênfase nos problemas do cotidiano feminino.

Palavras-chave: Tradução comentada, conto, Ángeles Mastretta, personagens femininos, literatura mexicana

ABSTRACT: We present here an annotated translation of the untitled short story that opens the collection *Maridos* by the Mexican writer Ángeles Mastretta, focusing some questions about the choices made during the translation process and we also point out some elements that characterize Mastretta's texts as is the case of the protagonism and the emphasis in the feminine's quotidian problems.

Keywords: Commented translation, short story, Ángeles Mastretta, female characters, Mexican literature.

Inicialmente, transcrevemos a tradução do conto que realizamos e, na sequência, assinalamos alguns pontos pertinentes em relação ao processo tradutório e as dificuldades e soluções encontradas nesse percurso.

Tradução do conto da obra *Maridos*

Numa tarde laranja, Julia Corsas abriu a porta para seu terceiro marido. O homem era um tipo de mãos grandes e olhos vivíssimos que algum dia acreditou ser amado pelos deuses. Ainda trazia nos ombros o encanto de um cigano e nos pés o caminhar de um guerreiro. Tivera o cabelo castanho em outras épocas, mas quando ela o viu parado na entrada de sua casa, diante

¹ Graduação em Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1988), graduação em Licenciatura Plena em Letras: Português e Italiano pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995), graduação em Licenciatura Plena em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1989), graduação em Licenciatura Plena em Letras: Português e Francês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1993), mestrado em Letras [Assis] pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998) e doutorado em Letras [Assis] pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004).

da luz que iluminava seu rosto, deteve o olhar em seus cabelos brancos suavizando o gesto com o qual a cumprimentou sem abrir a boca.

– Olha, você ainda continua sendo bonito – disse como se falasse consigo mesma.

Quando o conheceu, Julia Corsas era pálida como um canário², inconsequente como um pardal, tola como um pica-pau, concentrada como coruja, incansável como se fosse um colibri. Asas tão distintas numa mesma mulher resultavam numa criatura atrativa e volátil, obstinada em dizer que só tinha a ambição de ficar quieta. Desde então ele se enfiava em sua cama entre um marido e outro.

Fazia anos que não se viam. Ele tinha ido embora há nove anos, quando Julia beirava a meia idade, lia um livro triste e era a mulher mais alegre que podia existir sob qualquer pôr do sol.

Pegaram o tabuleiro de xadrez. Abaixo estava o lago adormecendo. Julia Corzas sorriu mostrando a fileira de pequenos dentes. Havia poucas paisagens tão perfeitas quanto o sorriso de Julia com os montes atrás, os olhos de Julia olhavam a água com uma ponta de ironia que nunca perderam, a cabeça de Julia, que ele sabia, estava ouvindo a toda hora a música de fundo de sua própria imaginação.

– Por onde você andou? – perguntou-lhe.

Ele procurou no bolso de sua calça uma moeda de vinte centavos que se usava no México em meados do século passado. Usavam-na para jogar cara ou coroa³ para determinar o direito de mover a primeira peça do tabuleiro. Jogou-a para o ar.

– Cara – pediu Julia Corzas quase ao mesmo tempo em que ele agarrava o círculo de cobre entre uma mão e outra.

– Coroa – disse ele mostrando a face da moeda que tinha de um lado o escudo nacional, com uma águia devorando uma serpente e do outro uma pirâmide iluminada por um *gorro frigio*⁴.

Acomodou-se diante dela.

² Em português, diríamos “pálida/branca como um fantasma”, mas se optássemos por essa forma de traduzir, empobreceríamos o campo semântico que se estabelece nesse parágrafo e que é formado por aves, cujas qualidades são comparadas com a personagem Julia Corzas. (N. T.)

³ No original, se faz referência a “Águila o sol”, que equivale ao nosso cara ou coroa. No México, uma das faces da moeda de 10 pesos, a mais usada nesse tipo de jogo, tem uma águia do Escudo do México e, na outra, uma pedra do Sol asteca. Para mais informação, leia-se: https://es.wikipedia.org/wiki/Cara_o_cruza Acesso: 12 out. 2017. (N. T.)

⁴ O “gorro frigio” é uma espécie de capuz, de forma cônica com a ponta curvada, confeccionado em lã ou feltro. Sua origem encontra-se na região da Frigia, Ásia Menor, atual Turquia. Na atualidade, figura como símbolo da liberdade, no escudo de várias nações americanas como Argentina, Bolívia, Colômbia, Cuba, Haiti, Nicarágua, El Salvador e Paraguai. Também está presente em moedas e notas de alguns países como Colômbia, Cuba e México. https://es.wikipedia.org/wiki/Gorro_frigio Acesso: 12 out. 2017. (N.T)

- E o que aconteceu com seu marido? – perguntou.
 - Meu marido foi embora com a mulher de outro marido.
 - Até que enfim – disse ele.
 - Nem pense em se enfiar em minha cama.
 - Eu nunca saí de sua cama – disse ele.
- Julia precisou de uma bebida. Ele quis uma também.
- Tem chocolate? – perguntou.
 - Você é o único homem que gosta de chocolate.
 - Por que o seu marido foi embora?
 - Por que todos os maridos vão embora? Por que você foi embora?
 - Eu estou aqui – respondeu ele.
 - Agora – disse Julia Corzas e passou um anjo com seu caudaloso silêncio.⁵

Caminharam pela beira do lago. Não havia nenhum ruído no ar, tampouco o cruzava o silêncio de um anjo, só a voz de Julia Corzas contando a seu terceiro marido o fim de um sonho.

– E nossa história? – perguntou ele agarrando a moeda com a qual havia brincado enquanto caminhavam –. Você não vai contá-la? – disse ele parado na entrada da porta exibindo o sorriso que costumava dar ao se despedir.

– Em outro livro – respondeu Julia Corsas.

Depois entrou na casa evocando um princípio. Ainda tremia na mistura de suas asas a mesma inquietação dos velhos tempos. Cantou uma música. Que outra coisa se podia fazer em dias assim? A tarde também era laranja e se punha atrás da água e dos montes. Guardou o tabuleiro de xadrez.

Considerações a respeito da tradução do conto de Ángeles Mastretta

O ato de traduzir é, segundo Paulo Rónai (1985, p. 194), “muito mais do que simplesmente trocar as palavras de uma língua pelas de outra; é estabelecer uma série de contatos entre duas culturas, duas realidades, [...]”. Nesse sentido, verifica-se que a tradução não é uma tarefa simples, mas que demanda um grande esforço de quem se propõe a realizá-la.

⁵ O texto que abre o livro de Ángeles Mastretta (p. 7-9) continua na página 352. Ele funciona como uma espécie de prólogo à obra, pois vem destacado em itálico, enquanto o restante aparece em letra normal. (N.T.)

Uma das dificuldades que faz parte do percurso de qualquer tradução é o fato de que “não há qualquer palavra, por mais simples que seja, que não possa encerrar, em determinadas circunstâncias, alguma ambigüidade” (RÓNAI, 1985, p. 186).

Dessa forma, a função do tradutor consiste em, de acordo com Walter Benjamin (1971, p. 6), encontrar na língua, na qual se traduz, uma atitude que possa despertar nessa referida língua um eco do original.

Embasados por essas ponderações teóricas e cientes de que “traducción y creación son operaciones gemelas”⁶ (PAZ, 1971, p. 8), aventuramo-nos a traduzir o conto que abre o livro *Maridos*, da escritora mexicana Ángeles Mastretta (1949-).

Sua trajetória literária começou como poetisa, quando ganhou um concurso com *La pájara pinta*, que se transformou em livro em 1978. Ela recebeu os seguintes prêmios: Prêmio Mazatlán de Literatura (1986), Prêmio Rómulo Gallegos (1997) e Águila Social (2015).

Mastretta escreveu as seguintes obras: 1) romances: *Arráncame la vida* (1985), *Mal de amores* (1996), *Ninguna eternidad como la mía* (1999), *El cielo de los leones* (2003); 2) contos: *Mujeres de ojos grandes* (1990), *Puerto libre* (1993), *El mundo iluminado* (1998), *Maridos* (2007); 3) memórias: *La emoción de las cosas* (2013), *El viento de las horas* (2015); 4) poesia: *La pájara pinta* (1978), *Desvarios* (1996). Seu romance *Arráncame la vida* foi adaptado para o cinema e estreou no ano de 2008.⁷

Os temas de seus livros voltam-se, invariavelmente para questões relacionadas ao universo feminino:

Ángeles Mastretta (Puebla, 1949) encarna, con todas sus complejidades, el caso de la escritora mexicana de este fin de milenio. [...]

Desde *Arráncame la vida* (1985), Mastretta puso sobre el tapete tres cartas fuertes: un estilo, una temática y el papel protagónico de las mujeres que tantas lectoras le dio.

[...]

El estilo de Mastretta está dado por la voz de una mujer que cuenta siempre con gracia, y gracia no significa aquí frivolidad, sino la capacidad alada para seducir al lector, para que sus historias sean como un canto de sirenas que uno escucha plácidamente, a sabiendas de que no podrá escapar fácilmente de los efectos hipnóticos. Esa voz tocada por la gracia, que no construye un párrafo sin producir efecto en el lector, será capaz de lograr una amplia gama de efectos que van desde el humor hasta la indignación, pasando por la ternura, la cursilería y el desenfado. (TORRES, 1998, p. 281-283).⁸

⁶ “tradução e criação são operações gêmeas” – tradução nossa.

⁷ Informações retiradas do site: https://es.wikipedia.org/wiki/%C3%81ngeles_Mastretta Acesso em: 20 out. 2017.

⁸ Ángeles Mastretta (Puebla, 1949) encarna, con todas as suas complexidades, o caso do escritor mexicano deste milênio. [...]

Desde *Arráncame la vida* (1985), Mastretta colocou na mesa três cartas fortes: um estilo, uma temática e o papel protagônico que mulheres que tantas leitoras lhe deram.

[...]

O estilo de Mastretta é dado pela voz de uma mulher que sempre narra com graça, e graça não significa frivolidade aqui, mas a capacidade alada para seduzir o leitor, para que suas histórias sejam como o canto de sereias que se

Em seus escritos, portanto, marcados por um estilo inconfundível, que arrebatava seus leitores, alia-se a temática feminina, por meio da qual a mulher assume uma posição liberadora e consegue obter o controle do próprio destino.

No livro de contos *Maridos*, entrelaçam-se ao relacionamento da personagem Julia Corzas e seu marido, uma série de outras histórias:

Después de años sin verse, y mientras juegan una partida de ajedrez, Julia Corzas desgrana relatos ante su tercer marido, que se abandona a la calidez de su voz y sueña con que alguna vez ella escriba la historia de amor que han vivido. De su imaginación nacen maridos infieles que no se cansan de traicionar, eternas enamoradas que siempre perdonan, viudas que aún fantasean con ser felices, amigas que se asombran ante las vueltas de la vida, novios que van y vienen sin despedirse del todo y esposos que aún logran sorprender. Todos se dan cita en estas páginas, en las que los grandes temas son el amor y el difícil arte de la convivencia. (LECTURALIA, 2017).⁹

Verifica-se que a referida obra volta-se para a convivência de casais, nos quais homens e mulheres assumem o protagonismo e, diante de suas atuações nas histórias narradas, nota-se que

Los personajes masculinos son a menudo eclipsados por las personalidades femeninas. Se trata de maridos, amantes o novios que no logran conquistar roles de primera importancia, sino que se quedan más bien como comparsas en el escenario. En algunos casos llegan a destacar algunas figuras masculinas que se sitúan a los márgenes de los roles sociales u hombres que se dejan arrastrar, en algún momento, por una pequeña locura. Estos hombres suelen representar un apoyo para las protagonistas. A menudo se trata de la figura paterna, pero a veces también de algún amigo o amante que sabe respetar a la mujer, y desea tratarla como igual. [...] [Hay] encuentros [...], en los que existe complicidad e igualdad entre hombre y mujer, [...]. [En muchos relatos] está representada [...] la presencia de maridos monótonos y aburridos, definidos por la propia autora como burócratas domésticos. [...] [...] Los retratos femeninos son vivos y logrados, en la memoria del lector se graban imágenes de mujeres sin tiempo, modernas, libres y alegres que, sin dramatismos, desde la periferia en la que habían sido apartadas, logran conquistar todo el espacio escénico, demostrando una sabiduría innata para luchar por sus sueños, conseguirlos y defenderlos hasta el final. (ATZORI, 2011, p. 44-45).¹⁰

escuta com calma, conscientemente de que não se poderá escapar facilmente dos efeitos hipnóticos. Essa voz tocada pela graça, que não constrói um parágrafo sem produzir um efeito no leitor, conseguirá uma ampla gama de efeitos que vão do humor à indignação, através da ternura, da afetação e da indiferença. (Tradução nossa).

⁹ Depois de anos sem se ver, e enquanto jogam uma partida de xadrez, Julia Corzas desfia relatos diante de seu terceiro marido, que se abandona à sua voz cálida e sonha que algum dia ela vá escrever a história de amor que viveram. De sua imaginação nascem maridos infiéis que não se cansam de trair, eternas apaixonadas que sempre perdoam, viúvas que ainda fantasiam em ser felizes, amigas que se espantam diante das voltas da vida, namorados que vão e vêm sem se despedir de todo e maridos que ainda conseguem surpreender. Todos se encontram nestas páginas, nas quais os grandes temas são o amor e a difícil arte da convivência. (Tradução nossa).

¹⁰ As personagens masculinas são frequentemente eclipsadas pelas personalidades femininas. Trata-se de maridos, amantes ou namorados que não conseguem conquistar papéis protagônicos, mas se mantêm como comparsas no cenário. Em alguns casos, chegam a se destacar algumas figuras masculinas que se situam às margens dos papéis sociais ou homens que se deixam arrastar, em algum momento, por uma pequena loucura. Estes homens costumam representar um apoio para as protagonistas. Frequentemente se trata de algum amigo ou amante que sabe respeitar a mulher, e deseja tratá-la como igual. [...]

Enfim, destacam-se nas narrativas de Mastretta figuras femininas e masculinas, que põem em primeiro plano questões relacionadas ao cotidiano da vida de casais, entrecruzando os dramas de amantes, viúvos e viúvas, em histórias bem urdidas que fascinam e encantam seus leitores e que asseguram um papel de relevância para a escritora mexicana no cenário literário da literatura hispano-americana contemporânea.

Ao traduzir o conto que inicia a obra *Maridos*, chamou nossa atenção o detalhe do itálico que se diferencia do restante dos textos, escritos em letra normal. Ao percorrer todo o livro, surpreendeu-nos o fato de que o itálico reaparecia no seu final, mais precisamente, na sua última página. Isso permitiu-nos reconhecer que a história de Julia tinha uma continuidade e um fecho, o que nos levou a traduzi-la integralmente.

Como uma Sherazade moderna, Mastretta “teje seductoramente una serie de episodios que incrusta como pedrería en el cuerpo [...]”¹¹ (TORRES, 1998, p. 289) de seu livro *Maridos*. Dessa maneira, a escritora vale-se de um recurso que perpassa a literatura ocidental ao longo dos séculos, presente em obras como *Decameron*, de Giovanni Bocaccio (1313-1375), *Don Quijote*, de Miguel de Cervantes (1547-1616), os *Canterbury tales*, de Geoffrey Chaucer (1313-1400) e consegue deixar o seu texto mais instigante para seus leitores.

No exercício de tradução que realizamos, logo na primeira frase, já nos deparamos com uma pedra, não no meio do caminho, como se menciona no poema drummondiano, mas logo no início: “Una tarde naranja”. Nesse ponto, vale recordar a lição de Paulo Rónai (1985, p. 186), de que as palavras caracterizam-se pela sua ambiguidade. Primeiramente, pensamos em traduzir a frase acima por “Uma tarde alaranjada”, uma vez que esta opção possibilitaria dar conta do teor poético da sentença mencionada, acentuando a tonalidade da tarde, com a sua cor acobreada do entardecer. No entanto, ao traduzirmos também o final do texto, notamos que esse sintagma reaparecia: “La tarde también era naranja [...]” (MASTRETTA, 2007, p. 352). Além disso, outro fator que também nos levou a manter o sentido da frase original foi a capa do livro – a metade de uma laranja. Se tivéssemos optado por “alaranjada”, esses sentidos apontados perder-se-iam e empobreceriam o texto traduzido.

[Há] encontros [...], nos quais existe cumplicidade e igualdade entre homem e mulher, [...].

[Em muitos relatos] está representada [...] a presença de maridos monótonos e chatos, definidos pela própria autora como burocratas domésticos. [...] (Tradução nossa).

[...] Os retratos femininos são vivos e bem construídos, na memória do leitor gravam-se imagens de mulheres atemporais, modernas, livres e alegres, sem dramatizações, a partir da periferia em que haviam sido relegadas, conseguem conquistar todo o espaço cênico, demonstrando sua sabedoria inata para lutar por seus sonhos, alcançá-los e defendê-los até o final. (Tradução nossa).

¹¹ “tece seductoramente una série de episodios que incrusta como pedras preciosas no corpo [...]”. (Tradução nossa).

Outro desafio foi a decisão entre manter o sentido original de “era pálida como um canário” (MASTRETTA, 2007, p. 7), ou buscar um equivalente em português – “pálida/branca como um fantasma”. Desistimos de optar por uma estrutura equivalente em nossa língua, já que no parágrafo onde aparece o trecho acima, surge um campo semântico relacionado a pássaros – canário, pardal, pica-pau, coruja, colibri – com os quais o narrador compara a personagem Julia Corzas. O sentido dessa comparação se perderia, caso tentássemos aportuguesar o fragmento transcrito.

No excerto “Julia rondaba la edad media” (MASTRETTA, 2007, p. 7), a dificuldade centrava-se no verbo “rondaba”, que em português possui vários significados: “rondar, vigiar, rodear, pairar” etc. Nenhum deles aproximava-se do sentido que a frase em destaque possui. Acreditamos que a opção por “beirava” foi a mais apropriada, evitando uma tradução literal que poderia deixar o texto estranho e pouco fluente.

Em relação ao trecho no qual o narrador do conto trata da moeda para jogar cara ou coroa para saber quem iniciaria o jogo de xadrez – “[...] Águila o sol con que dirimían el derecho a mover la primera pieza del tablero” (MASTRETTA, 2007, p. 8) – buscamos esclarecer o leitor por meio de uma nota de rodapé, na qual deixamos claro que, no México, a moeda de dez centavos é utilizada para esse propósito e possui em uma de suas faces uma águia e, na outra, a pedra do sol da civilização asteca.

Na sequência desse trecho, outra dificuldade surgiu, quando o doador da narrativa descreve os dois lados da moeda mexicana, “con su águila comiendo una serpiente y del otro una pirámide iluminada por un *gorro frigio*” (MASTRETTA, 2007, p. 8, grifo nosso). Aqui, a dificuldade foi a inexistência de uma estrutura que se assemelhasse ou se aproximasse a “gorro frigio”, em português. Decidimos manter esse sintagma e explicar o significado em nota de rodapé, para que o leitor brasileiro pudesse compreender de onde se originou tal expressão e que ela simboliza a liberdade almejada pelas colônias americanas da metrópole espanhola e aparece também nos brasões de outros países como Haiti, Argentina, Bolívia, Cuba, dentre outros.

No caso acima, ficou patente o esforço para estabelecer o “contato entre duas culturas” (RÓNAI, 1985, p. 194) – a mexicana e a portuguesa – sendo necessário, em muitos casos, realizar uma tradução literal, para se evitar possíveis perdas do sentido do texto que se está traduzindo. Em outros momentos, foi necessário buscar equivalências na língua meta, o português, também com o intuito de manter a fluência da tradução, sem prejudicar a

compreensão e o significado expressos no conto, recordando-nos de que aquele que traduz, como bem pondera Octavio Paz (1971, p. 8) é também um “criador” de sentidos.

Enfim, o resultado da tradução foi gratificante, permitindo que entrássemos em contato com o universo ficcional de uma das escritoras mais importantes da literatura mexicana contemporânea e travar contato com os temas que percorrem os seus relatos – as mulheres e os homens e as suas questões e dilemas no mundo contemporâneo.

Referências

ÁNGELES MASTRETTA. Biografía. <https://es.wikipedia.org/wiki/%C3%81ngeles_Mastretta> Acesso em: 20 out. 2017.

ATZORI, Chiara. La perspectiva femenina en la obra *Mujeres de ojos grandes*, de Ángeles Mastretta. **OGIGIA**, Revista Electrónica de Estudios Hispánicos (2011), p. 39-45. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Dialnet-LaPerspectivaFemeninaEnLaObraMujeresDeOjosGrandesD-3824593%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Dialnet-LaPerspectivaFemeninaEnLaObraMujeresDeOjosGrandesD-3824593%20(1).pdf)> Acesso em: 20 out. 2017.

BENJAMIN, Walter. La tarea del traductor. **Angelus Novus**. Barcelona: Edhasa, 1971, p. 1-8.

CARA O CRUZ. <https://es.wikipedia.org/wiki/Cara_o_cruz> Acesso em: 12 out. 2017.

GORRO FRIGIO. <https://es.wikipedia.org/wiki/Gorro_frigio> Acesso em: 12 out. 2017.

LECTURALIA – Red social de literatura, comunidad de lectores y comentarios de libros. Disponível em: <<http://www.lecturalia.com/libro/21471/maridos>> Acesso em: 20 out. 2017.

MASTRETTA, Ángeles. **Maridos**. Barcelona: Seix Barral, 2007. In: <<http://clubdelphos.org/sites/default/files/Mastretta,Angeles-Maridos.pdf>> p. 7-9 e 352. Acesso: 12 out. 2017.

PAZ, Octavio. **Traducción**: literatura y literalidad. Barcelona: Tusquets, 1971, p. 1-10.

RÓNAI, Paulo. Cascas de banana no caminho do tradutor. Conferência proferida no Departamento de Letras da U. F. PR. **Letras**, Curitiba (34): 186-198, 1985.

TORRES, Vicente Francisco. Esbozo de Ángeles Mastretta. **Tema y Variaciones**, n. 28, 1998, p. 281-298. Disponível em: <http://zaloamati.azc.uam.mx/bitstream/handle/11191/1514/Esbozo_de_Angeles_Mastretta_n_o_12.pdf?sequence=1> Acesso em: 20 out. 2017.